



O CONSTRUTOR

Virtude: Justiça — respeito pelos direitos de Deus e dos nossos semelhantes.

Defeito oposto: Atos de injustiça contra Deus por uma vida irreligiosa e contra outros: roubo, fraude, calúnia e violência.

O Construtor: "Meu Deus, meu único bem, vós sois todo meu; possa ser eu todo vosso". (300 dias de indulgência).

O Ajudante: "Meu Deus e meu tudo". (300 dias).

Método: Começa o dia cultivando a virtude da justiça. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; diz êstes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: Ambas as jaculatórias são atos de justiça, expressando minha completa aquiescência aos direitos de Deus sobre mim. Ele é todo meu, e eu sou todo seu. Ele criou-me e me remiu e tem um direito perfeito à minha obediência e serviço. Ele é também meu único bem, já que só Ele satisfaz os profundos desejos de meu coração por verdade, amor, paz e segurança. Somos seus administradores. A qualquer momento, Nosso Mestre pode chamar-nos para darmos conta de nossa administração. Frequentes grupos de aspirações de justiça são uma excelente preparação para êste chamado supremo.

Na Defensiva: O desejo de dinheiro é a raiz de todo o mal. Como aniquilou todo senso de respeito de si mesmo, de honestidade, de justiça no peito do miserável Judas! Uma centelha insignificante, muitas vezes, causa terrível conflagração. Quão sutis são as tentações de Satan! Como sabe êle insinuar-se num coração orgulhoso e ganancioso! Frequentes grupos de nossas aspirações de justiça formam a primeira linha de defesa. Êstes atos de justiça despertam em nós nossos deveres para com um Deus justíssimo. Seu valor impetratório constitui a segunda linha de defesa, atraindo graças especiais afim de rejeitar as tentações e pôr em fuga o tentador.

Na Defensiva: Nosso divino Chefe manda-nos dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus as cousas que são de Deus. Severamente censurou ao administrador injusto por causa de sua desonestidade. Louvou-o, porém, por sua habilidade e previdência. Os filhos dêste mundo são mais espertos nos seus modos de agir que os filhos da luz, porque fazem uso melhor das virtudes naturais. A graça divina, al-

LIVROS

O Fim de Long John Silver, por David William Moore. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1948.

— Se você jamais escrever um romance e não quizer que, uma geração mais tarde, outra pessoa se aproveite de sua obra para acrescentar um segundo volume, cuide de dispor bem de seus personagens, ou conduzindo-os ao porto (às vezes, duvidoso) do matrimônio, ou deixando-os mortos e enterrados — e bem enterrados — em qualquer parte dêste mundo de Deus. Isto Robert Louis Stevenson não-no tem feito com as figuras principais de seu romance "A Ilha do Tesouro". O terrível pirata Long John Silver escapa para as Índias Ocidentais, e os outros causam a impressão de gozarem uma licença até outra chamada.

Há quem suponha no criador de Jim Hawkins e de Silver um plano preestabelecido de dar uma continuação à "Ilha do Tesouro". Se houve tal plano, Stevenson não-no executou.

Mas outros sentiam-lhe a fascinação e puseram mãos à obra. Um dêles, Harold A. Calahan, escreveu um volume "De Volta à Ilha do Tesouro" (Casa Editora Vecchi, Rio). Agora, a Companhia Editora Nacional publica uma segunda versão, sob o título "O Fim de Long John Silver", por David William Moore. — Não comparemos os dois livros. Ambos são bons. E quem tiver lido a versão de Calahan, há de apreciar também o ponto de vista de Moore. — Sec.: A.

Teresa Neumann, por Nicolau Goetze; Escola Industrial Dom Bosco, Niterói, 1948. — Num mundo em que o materialismo pagão

cançada por meio de nossas aspirações de justiça não destroi, mas sim aperfeiçoa as virtudes naturais num cristão.

Aspirações de Reparação: A justiça exige que o que está mal seja corrigido. Cristo na cruz pagou o preço pelo pecado do homem. Um olhar para o crucifixo torna a alma cônica da malícia do pecado e cria um coração contrito em nós. Porque o crucifixo, qual um espelho, reflete a nossa pecaminosidade e pergunta: "Que partido propões escolher: o de teu Salvador ou o de Seus inimigos?" Nossa resposta serão frequentes grupos de aspirações de justiça que expiam o passado e proclamam nossa dedicação a Nosso Senhor.

Charles A. Ings, S. J.

celebra suas desavergonhadas orgias, contagiando as massas do povo até as últimas camadas, Teresa Neumann é uma revelação. A Estigmatizada e Vidente de Konersreuth (Baviera) vive, há mais de vinte anos, sem outro alimento senão a Hóstia. Cada sexta-feira, com exceção das que caem nas semanas festivas de Natal e Páscoa, experimenta em seu corpo os sofrimentos da Paixão de Nosso Senhor, derramando sangue copiosamente das chagas com que Deus marcou a donzela. Naturalmente, o mundo não pôde ficar indiferente na presença de tal fenômeno extraordinário. Os materialistas recorrem às explicações mais desencontradas: não querem ver manifestações do sobrenatural que êles, forçosamente, negam. Que os nazistas se sentiam ofendidos com os acontecimentos de Konersreuth, nem se comenta.

A Igreja, como soe agir em tais circunstâncias, submeteu a vidente a rigorosos exames, sem entretanto pronunciar uma decisão definitiva.

Mais de 200 médicos, adeptos dos mais variados credos, alguns dêles sem credo nenhum, passaram por Konersreuth, ficando a maioria profundamente impressionados.

Teresa Neumann leva uma vida absolutamente normal, distinguindo-se por sua piedade, modéstia e caridade. O que milhares e milhares de pessoas observaram na casa da estigmatizada, levou a muitos dentre êles a uma mudança radical de vida, confirmando-os na fé e na prática da religião. — O livro em apreço é um volumezinho de apenas 64 páginas que trazem o sêlo da sinceridade e da simplicidade. E são outras tantas exortações à volta da humanidade egoísta de hoje para seu Senhor e Criador. — Sec.: C.

CARIDADE DE SANTA

A. Brou, S. J., escreve em "Sainte Madelaine-Sophie Barat" (Paris, 1925):

"Êle não dava só o que era necessário, ela sabia o que causa prazer. Um pobre, tendo pedido um pouco de dinheiro para comprar fumo e pensando a porteira que um pedaço de pão era melhor, a Madré Barat meteu os pontos nos ii. Fumo era o único prazer que êsse pobre homem pudesse ter... e d'ora em diante, cada semana, êle recebeu sua esmola para tal fim".

É BOM SABER...

— Nos dilapidados escritórios da redação de "The London Daily Worker", na Gray's Inn Road (Londres), Douglas Hyde, redator de notícias por cinco anos e comunista por vinte anos, acabou a seguinte edição, na noite de 14 de março a. c., entrou no escritório do editor, William Rust, e anunciou que iria embora. "Sente-se mesmo bem?" perguntou Rust, ansiosamente. Hyde tranquilizou-o com a afirmação que nunca, em sua vida, se tinha sentido melhor.

— Em 19 de março, as razões que determinaram a Hyde a abandonar seu emprêgo conquistaram a primeira página de jornais britânicos (mas não a do "Daily Worker" que enterrou a história em cinco frios parágrafos no fundo da página 3). Numa explicação escrita, Hyde anunciou que abjurara o comunismo e, com sua esposa e filhos, ia entrar na Igreja Católica. — Hyde "ficara cada vez mais perturbado pela política exterior da Soviet Rússia e pelos acontecimentos na Europa Oriental". Convenceu-se de que a oposição comunista ao plano Marshall não poderia "trazer nada senão miséria ao simples povo britânico... que o movimento... estava destruindo aquelas mesmas liberdades e conveniências pelas quais afirmava estar lutando". Estava êle certo que "muitos membros do partido comunista" estavam igualmente "profundamente perturbados" e que "o tempo estava maduro para renúncias em massa... Muitos moços que se filiaram durante os anos de guerra, não precisarão de tanto tempo para se resolverem como eu". — Em casa, Hyde disse que não tinha nem emprêgo nem dinheiro e que não sabia se devesse dar de presente os seus 600 volumes comunistas ou queimá-los. Revelou que tinha levado a existência de Jekyll e Hyde desde outubro do ano passado, quando êle e sua esposa resolveram tornar-se católicos. O "Mon-senhor Sheen" no caso de Hyde foi o Padre Corr de Wimbledon. — No "The Daily Worker", Rust disse que Hyde recusara discutir suas diferenças de política e acrescentou firmemente: "Sua recusa mostrou falta de convicção intelectual". (Newsweek — New York, N. Y.).

— O P. Alberto Lauwert, S. J., recebeu licença de seus superiores de viver nas minas de carvão de Hautrage, na província fronteiriça de Hainaut, entre a França e a Bélgica. Êste jesuita que possui uma verdadeira paróquia no fundo da mina, vive com os mineiros e trabalha ao lado dêles nas mesmas tarefas que êles. Conhecido

DO MEU DIÁRIO

6 de Junho. — Contente com o mundo em geral e consigo mesmo em especial, Alfredo (2º. gin.) sai do refeitório depois do café. Para dar o último retoque à felicidade, Alfredo acendo um cigarro. Mas já o olhar de águia do P. Prefeito o espiou. Segue-se o comando inevitável em tais casos. — Alfredo deixa o cigarro aos alunos do Científico. É quase a única cousa que os distingue de vós, ginásianos.

9 de Junho. — Carlos é um jovem distinto. Roupas, linha dos cabelos, cigarro, tudo exala distinção. Faz questão de ser distinto. — Hoje foi ao dentista (hora marcada), Carlos, o distinto, é pontual. Mas eis, o dentista não está pronto. O tratamento de um paciente prolonga-se, tornando a Carlos impaciente. Afinal, abre-se a porta do gabinete dentário. Com um veemente protesto contra a impontualidade do dentista e a perda de tempo causada, Carlos instala-se na cadeira. O dentista simpatiza com Carlos. — durante uns momentos. Depois comunica-lhe que ainda não escapou às condições gerais da humanidade, apesar de ser dentista. Que por isso, pede licença para ir tomar o seu café. E sem mais, retira-se, deixando Carlos com a instalação moderníssima de um gabinete dentário de hoje e — com um mar de pensamentos homicidas que começa a bramar nos antros cefálicos do infeliz.

Depois de uns quinze minutos, o dentista está de volta, bem disposto e refeito para dar toda a sua atenção ao paciente distinto. E começa por construir toda uma muralha de algodão ao redor da dentadura do freguês. Uma mordaca — distinta. Em seguida, enquanto desenvolve toda a sua habilidade dentária, faz ao jovem uma preleção sobre os Direitos do Homem. Carlos está tão furioso que os anestésicos se tornam supérfluos.

24 de Junho. — Ademí acaba de ler o último número de "O Mariano". Radiante de satisfação, diz: "Estou vingado." Foi a história do Agostinho e do "outro" que tamanho contentamento lhe causou. Pois foi o "outro" que tinha expressado suas dúvidas a respeito da veracidade das histórias do Ademí.

entre seus companheiros de trabalho por "o Padre Flamengo", mora numa modesta habitação no fundo da mina. Cada manhã diz a s. Missa no dispensário da mina, logo depois veste a indumentária de trabalho e mete na cabeça o chapéu do couro e desce para seus labores subterrâneos. A miude, viaja para Flandres onde faz conferências sobre os mineiros e seus problemas.

— Nas regiões do Alto Egipto, o P. Henrique Ayrout fez e está fazendo uma grandiosa obra social entre os fellahs (ou camponeses egípcios), por meio de cooperativas e caixas de compensação. O P. Ayrout é egípcio e o primeiro jesuíta ordenado sacerdote no rito greco-melquita. — (De "Nuestra Vida", Lima, Perú).

ESCOLA DE GUERRA (XXV)

45. "Tratem-se uns aos outros com amor fraterno e caridade cristã, (1) e peçam muitas vezes a Deus N. Senhor pelas necessidades da Congregação e dos congregados, especialmente pelos enfermos. (2) Quando algum morrer, acompanhem os que puderem seu corpo à sepultura, e façam todos, em particular, sufrágios pelo descanso eterno de sua alma. Além disso, recitarão em comum o Ofício de Defuntos ou outras orações, e farão que se celebre a Missa, para que ao falecido seja aplicada a indulgência do altar privilegiado". (3).

Comentário: (1) Eis aqui uma das fontes de força da C. M. Por isso é imperativo evitar tudo que possa provocar desunião, nas fileiras marianas. — (2) Há tão poucos que se lembram de quanto bem podem fazer aos seus irmãos e à C. M., por meio da oração. Esta oração é uma das expressões mais claras e eficientes do amor fraterno e caridade cristã. — (3) Além disto, convém frequentemente rezar pelos irmãos defuntos da C. M., como, aliás, está indicado pelas orações que se costumam rezar nas reuniões semanais.

46. "Contribua cada um para as despesas da Congregação ou com uma esmola espontânea, conforme as suas posses, ou com uma quota fixa, sempre módica, que o costume determinar". (1).

Comentário: (1) A observância desta regra é um critério certo para julgar o interesse do congregado por sua C. M. Ela é reveladora também, em muitos casos, do caráter do congregado.

MARIANOS CELEBRES

14. O Príncipe Eugênio

A vida do homem está cheia de provações de toda sorte. E conservar o idealismo pode tornar-se difícil não só na miséria, mas ainda na ventura. Pois diz um rifão teuto que nada é mais difícil aguentar-se do que uma série de dias felizes.

O congregado Príncipe Eugênio soube preservar o idealismo no meio das duas espécies de provas.

Nasceu o Príncipe Eugênio Francisco de Saboya-Carignan em Paris, aos 18 de outubro de 1663, como filho de Eugênio Maurício de Saboya, conde de Soissons, tenente-general, e de Olímpia Mancini.

Bem cedo bateu a desgraça à porta do lar do príncipe. A mãe leviana fugiu para a Bélgica, morrendo, pouco depois o pai. Confiado aos cuidados de sua avó, a princesa de Carignan, mostrou Eugênio pronunciada inclinação para a carreira das armas apesar de sua saúde precária. Apresentou-se, em 1683, ao rei Luiz XIV, para obter um posto no exército; o monarca rejeitou-o por causa do físico pouco atraente do príncipe. Queria Luiz que Eugênio se tornasse padre e obrigou-o a usar a batina.

Ora, o jovem príncipe sempre respeitava os sacerdotes — mais tarde, quando comandante em chefe dos exércitos imperiais, estava resolvido a entregar o comando por causa das dificuldades que

lhe faziam os ministros; bastava, porém, o conselho em contrário do P. Wolff, S. J., para que se submetesse à vontade do monarca — mas ele sentiu que não era chamado para o serviço do altar. Vendo, portanto, frustrados todos os seus planos de encetar a carreira militar na França, foi, em 1683 ainda, oferecer seus serviços ao imperador Leopoldo da Áustria. Este logo lhe deu o posto de capitão num regimento de cavalaria.

Aos 12 de setembro do mesmo ano, comandou as forças de Carlos de Lorena na batalha que teve por resultado a libertação de Viena que estava em extremo perigo de cair nas mãos dos turcos.

Foi o primeiro passo no caminho para a glória. Pouco depois foi nomeado coronel. Como tal tomou parte em todas as campanhas contra os turcos, distinguindo-se em Ofen e Mohacz e saindo gravemente ferido na tomada de Belgrado.

Não é aqui o lugar de enumerar todas as guerras e batalhas que testemunhavam seu valor e bravura extraordinários. Basta dizer que até a idade de 71 anos foi soldado ativo. Mas não isto só. Foi presidente do Supremo Conselho de Guerra, posto que lhe trouxe um sem número de aborrecimentos, principalmente, em consequência da mesquinhez dos ministros austriacos. Durante os anos que passou como governador dos Países Baixos, revelou seu fino gosto artístico que achou sua expressão na construção do castelo de Belvedere e de um palácio em Viena. A par, ia seu vivo interesse pelas ciências. A Real Biblioteca de Viena deve ao príncipe sua existência. Manteve ativa correspondência com o célebre Leibniz.

Sua personalidade harmoniosa impunha-se a todos. Pedro, o Grande, da Rússia escolheu a Eugênio como candidato para o trono real da Polónia. O príncipe, porém, recusou a honra. O grande soldado era o ídolo de seus comandados. Apreciavam nele o inabalável senso de justiça. Eugênio, de fato, fazia tudo para evitar durezas desnecessárias em seu modo de conduzir a guerra.

O Príncipe Eugênio morreu aos 21 de fevereiro de 1736. Foi sepultado na catedral de St. Estêvão, em Viena, no templo pela libertação do qual, 53 anos antes, tinha começado sua carreira de armas.

MADONNA DI SAN SISTO

O rei Augusto III, da Polónia, fazia, ainda como príncipe herdeiro — tinha apenas 15 anos de idade — uma viagem pela Itália. No convento dos Beneditinos, em Piacenza, viu, certo dia, num altar, um quadro que o impressionou tão profundamente que nunca mais se pôde esquecer dele. Foi a célebre Madonna di San Sisto que o imortal Rafael Sanzio pintara em 1515.

43 anos mais tarde, quando Augusto era rei e príncipe eleitor, conseguiu a aquisição do quadro para a galeria de Dresde. E lá ficou Nossa Senhora, durante uns duzentos anos.

Milhares e milhares de homens e mulheres sentiram a mensagem

CANTINHO LITÚRGICO

A sta. Missa é a renovação da obra redentora do Filho de Deus; por meio dela tornamo-nos partícipes das bênçãos da redenção. Este santo sacrifício abrange a totalidade da obra do Salvador. Como Nosso Senhor exerceu sua missão de Medianeiro na sua vida mortal, assim continua a exercê-lo ainda na Igreja, porém sacramentalmente.

A primeira tarefa do Redentor consistia em ensinar aos homens a Verdade e a Lei de Deus. Isto Ele o fez, exteriormente, pela palavra, inteiramente, pela luz com que inundou os corações de boa vontade. Só depois de ter cumprido sua missão de Mestre, é que Jesus obrou a reconciliação dos homens com Deus por sua Morte na Cruz.

E isto repete-se em cada sta. Missa.

Os profetas prepararam o mundo para a vinda do Salvador. Os Apóstolos anunciaram aos homens que o céu está aberto de novo, indicando-lhes os modos e meios de alcançar a felicidade eterna, ora, contando-lhes a vida do Salvador (Evangelho), ora, admoestando e ensinando (Cartas e Revelação).

Incluindo a Igreja na parte preparatória do augusto sacrifício da Missa as Lições Bíblicas, quer ela revelar-nos o íntimo conexo existente entre a doutrina da Verdade e o Mistério do Altar, entre a palavra de Deus e o Verbo Eterno que se faz carne para nos salvar. Sob o véu eucarístico, o Verbo está presente e habita entre nós. Para nós, peregrinos neste vale de lágrimas, Ele não é somente a Vida, mas ainda o Caminho e a Verdade.

"Somente lá onde jorra a fonte de graças do Sacrifício Eucarístico, brilha em todo seu esplendor a verdade cristã." (Gehr). Altar e púlpito acham-se no mesmo recinto sagrado, e o mesmo sacerdote que oferece o sacrifício eucarístico, anuncia também a doutrina vinda do céu.

vinda do além, transmitida pelo olhar em que se espelhava o mesmo céu. Milhares e milhares viram nela a incarnação da bondade divina. Entre eles estavam homens como Winkelmann, Goethe, Kleist, Hebbel e Napoleão.

Certo dia, entrou na galeria um homem, jovem ainda, mas cujo rosto estava marcado com os sulcos dolorosos que a dúvida e o desespero soem cavar. Foi o profeta do ateísmo: Arthur Schopenhauer. Parou diante da Madonna di San Sisto. Abismou-se na contemplação do esplendor do além. A Mãe com o Filhinho nos braços levantou o véu, mostrando-lhe a obra da redenção. Foi um momento só. Um momento desperdiçado. Arthur Schopenhauer não aproveitou o momento de graça.

Será que seus compatriotas das gerações seguintes também não se mostraram dignos do olhar da Mãe?

Pois poucos meses depois do fim da II Guerra Mundial, os russos roubaram a obra prima de Rafael, levando-a para o inferno soviético. Ou será que Ela foi a consolar seus filhos e suas filhas torturados pela sanha vermelha?

CRISTO OU BARRABÁS?

por DANIEL A. LORD, S. J.

(Tradução)

(Continuação)

Este tipo fizera da traição uma arte e uma ciência. Primeiro, combatu os romanos, às furtadelas, fora do alcance de nossa justiça, enterrando um punhal nas costas de uma sentinela solitária. Por esta façanha, tripudiou, perante seus patrícios de Israel, como herói nacional. Então — e eu vi as listas de pagamentos — ele enganou os judeus, forneceu às nossas autoridades os nomes de seus colegas na conspiração e embriagou-se com a prata de traição que lhe pagávamos — enquanto seus camaradas choravam sua desgraça.

Tanto romanos como judeus aborreceram-se com ele, afinal. Lançamo-nos sobre ele uma quinzena antes, enquanto o sangue assassino ainda não secara nas suas mãos. Foi o sangue de um judeu? De um romano? De uma moça? Quem era o miserável que lhe proporcionara umas férias com o vil metal? Quem saberia? Acusamo-lo de assassinio cometido durante uma rebelião, e estou certo que até os judeus estavam bem contentes de ver-se livres do camaleão velho.

Sim; ambos, D. Prócula e eu, conhecíamos a ficha dele. Que papel poderia ele possivelmente desempenhar no drama que se estava desenrolando diante de nossos olhos? Tinha os meus receios, estava incerto.

Prócula avançou até a janela cortinada. Ao seu lado, esforçava-me por obter uma nova cena. Os acontecimentos precipitaram-se.

Pela porta aberta os soldados empurraram o assassino sujo, maltrapilho, com barba crescida. O jovem oficial estava limpando as pontas de suas luvas, como se o contacto mais remoto devesse ser tirado com a mais áspera escova. O assassino cambaleou para o lado esquerdo de Pilatos e parou aí, lançando olhares insolentes sobre a massa.

Mesmo um só assassinio deixa marcado seu autor. Matanças repetidas e frequentes, banhos de sangue torcem a boca e queimam o olhar e transformam a face humana numa máscara brutal. Os olhos de Barrabás piscavam na claridade solar, estando acostumados à escuridão de sua cela solitária.

Automáticamente, esfregou as mãos ao longo de sua suja indumentária, como se estivesse tentando tirar o sangue seco que ainda as manchava. O populacho examinou-o num silêncio atônito. Sabiam quem ele era; alguns que se achavam perto dele, fugiram do alcance de suas garras de gorila.

Seu olhar lúgubre parecia traduzir seu desejo: "Oh, que todos eles tivessem uma só guela, e eu pudesse cortá-la!"

Depois dirigiu a vista desdenhosa, insolentemente, para a figura imaculada de Pilatos, cuja túnica cor de neve estava em parte coberta por um manto purpúreo. Mas o governador nem um olhar lhe dispensou. Barrabás continuou a passear a vista e fixou-a rude-

mente no prisioneiro além. Seus pequenos olhos de suíno dilatavam-se um pouco com interesse. Depois, baseando seus cálculos na lama, sujeira, sangue e cordas, pô-lo mentalmente de lado como pessoa sem importância.

Sobre o populacho descera um silêncio mortal. Pareciam respirar. Evidentemente pressentiam algum truque que Pilatos, o romano esperto, tencionava empregar contra eles e preparavam-se para não serem enganados mas levá-lo a ele no pacote, em vez disto, se pudessem.

Do meu posto avantajado na janela alta pude ver os sacerdotes movimentando-se entre a multidão atraindo cabeças para seus lábios, murmurando nos ouvidos dispostos, enviando, pelas fileiras, pequenas ondas de homens, nos quais reconhecia os fariseus, falando com urgência, batendo nos ombros dos ouvintes, gesticulando, polegares voltados para traz em direção dos três sobre o terraço.

O olhar irrequieto de Pilatos perscrutava nervosamente a turba magna. Talvez fosse o impulsivo desejo de sua esposa que atraíu sua vista para onde estávamos. Viu a Prócula; por um momento parecia que estava cedendo à inquietação; então expandiu-se num largo sorriso com que queria confortar-nos. Fez um ligeiro e familiar gesto, um daqueles que ela deve tê-lo visto empregar mil vezes em tempos idos. Até eu fui capaz de ler-lhe o sentido.

"Não se inquiete," dizia. "Seu esperto marido leva na cuia todos estes doidos varridos. O prisioneiro está salvo."

"Oh, não," ouvi-a responder ao gesto. "Assim não vai. Nenhum truque servirá somente coragem — uma decisão bem definida — justiça."

Pilatos efetivamente aproximou-se da ralé, sorrindo de repente e procurando insinuar-se.

"Homens," começou afinal, "já que, conforme costume, tenho que soltar um prisioneiro, podeis escolher vós. Deveria ser fácil. Qual dos dois preferis? Aí está Barrabás" — o gesto com que indicou o insolente assassino, foi um eloquente insulto. "Ou será que quereis antes Jesus a quem chamais, creio eu, vosso Messias e Rei?"

"Deus de Abraão!" ouvi a Prócula gritar. Poderia ter sido uma prece; poderia ter sido um apelo, estrangulado pelo horror. "Que fizeste, meu marido? Que fizeste?"

Isto me intrigou. Por minha parte, tinha desejo de me inclinar diante da sagacidade de Pilatos. Nunco o governador fora mais astuto. Prometera levá-los no pacote, e levou-os.

Pois, quando fazia a proposta, a massa parecia visivelmente retroceder, querer fugir. Barrabás abriu a boca em raivoso terror. Não conhecia o outro prisioneiro, mas conhecia a si mesmo. Em toda aquela turba não havia um só homem ao qual tivesse feito um favor, não havia uma só mulher a qual não

navia de violentar com olhos cubíquos.

Bem conhecia-o o povo. De forma alguma desejavam ver de novo em seu meio a esse assassino impenitente. Dormiam mais socegradamente, porque estava atrás das grades. As noites estavam mais quietas, porque não andava pela cidade fazendo barulho. Passavam pelas travessas escuras com menos medo, porque a lei arrancava o punhal da mão dele. Estavam tranquilizados quando suas filhas iam ao mercado ou ao ribeiro para lavar as roupas. Folgavam em saber que um vilão a menos esperava os seus filhos para ensinar-lhes os truques do crime.

Sua atenção inconstante, desviada do homem à direita de Pilatos para este vilão, evidentemente culpado, conhecia agora somente a presença — podre, mal-cheirosa, infectuosa — do assassino e traidor. A ele, certamente, não desejavam.

Mas, se o populacho estava sendo lançado na estupefacção pela possibilidade de Barrabás ser posto em liberdade, no meio deles, — os sacerdotes e fariseus — aprontavam-se para frustrar o truque do esperto Pilatos.

Antes um vilão qualquer do que o prisioneiro que eles odiavam, o prisioneiro que se chamava rei. Pude ver como suas mãos se levantavam para chamar de novo a atenção fugida da ralé para o vulto silencioso à direita de Pilatos. Era bem verdade: a alternativa era um assassino, arrastado de uma cela suja e fedorenta. Mas pensava Pilatos que eles fossem tão tolos que rejeitassem o assassino e levantassem seus braços para aceitar o Cristo?

Uma única voz (pude ver erriçar-se a barba do sacerdote a que a voz pertencia) lançou ao espaço o primeiro grito que deveria orientar os mais.

"Fora com este homem! Dai-nos Barrabás!" berrou.

Pilatos encolheu-se visivelmente. Sua atenção foi lançada em direção da voz. O sacerdote respondeu-lhe com um sorriso como alguém que venceu um espertalhão no jogo e estava pronto para se atirar ao lucro.

Pois, uma dúzia de ecos repetiram o grito.

"Fora com este homem! Dai-nos Barrabás!" vociferavam. Ainda pude distinguir os gritadores isolados, todos homens bem vestidos, líderes do povo, orgulhosos de sua posição segura e determinados a que nenhuma oposição a sacudisse.

Então, através da massa, para frente e para trás, de lado a lado, primeiro numa horrível balbúrdia de sons, e depois, mais uma vez, em compassada, sangüinolenta mente ritmada canção, veio aquele protesto de rejeição, aquela horrível livre escolha do mal.

"Fora com Ele! Dai-nos Barrabás!"

A janela do apartamento de Prócula dava bem para cima do terra-

ço. Foi fácil ver as expressões nos três rostos. Eu os esquadrinhei, bebendo-lhes os terríveis contrastes.

Barrabás levantou depressa sua grande cara cabeluda, como se o grito o tivesse acertado no queixo e forçado para trás sua cabeça. Mal podia crer no que ouvia. Escolheram-no a ele. Se prevalecessem, em poucos minutos seria um homem livre. Seus dedos fechavam-se como sobre o cabo de uma faca. Eu pude quase ver o turbilhão de ideias loucas que tumultuava em seu cérebro: "Conhecia uma pequena loja que esperava a visita do ladrão... um passadiço que levava..."

Queriam a ele. Que pândega! que rica, promissora pândega! De repente pôs as mãos sobre os quadris e soltou grandes, obcenos gargalhadas. Mandaram-no de volta às alegrias e ladroeira e assassinio, à oportunidade de jogar romanos contra judeus e judeus contra romanos. Queriam-no. Por Deus! iriam saber — e saber bem — que ele estava de volta entre eles.

Então, um capricho de seu cérebro primitivo fê-lo olhar para o outro homem. Pois então, foi este o camarada que eles empurraram para a sargeta em lugar dele! Bem, não sabia patavina a respeito dele. Mas que patife este camarada deveria ser! O fato de o povo ter preferido a ele, Barrabás, a este maroto bastava como comentário. Deve ser o mesmo príncipe dos malandros, o maior vilão da espécie.

Até do meu lugar pude ver como curvava o lábio grosseiro e sensual cheio de extremo desdém, no olhar a expressão de um profundo e envenenado desprezo. Inclinou-se um pouco e cuspiu na direção do outro homem.

E aquele outro homem?

Pela primeira vez olhou directamente para o populacho.

Nunca em toda a minha vida vi concentrada tanta significação num só olhar. "Que vós tenho feito que me tratais assim?" parecia dizer. Ou foi antes: "O que podia eu ter feito por vós que não fiz?"

Era de nossa obrigação para nós que vivíamos no palácio do governador, de saber alguma coisa a respeito de todos e muito a respeito dos que se elevavam sobre a grande massa. Por isso, eu sabia mais de Jesus do que ousara confessar.

Tinha escutado, uma vez, quando Ele falava na encosta de uma montanha, falava como a nenhum homem ouvira falar antes. Tinha-o seguido, uma vez através de uma aldeia e vira os aleijados correr ao Seu encontro e os cegos exclamar com a repentina visão do sol.

Disseram-me que ressuscitava os mortos. Os leprosos acolhiam-se na Sua sombra e foram curados.

Procurara os boatos mais insignificantes que propalassessem algum mal sobre Ele, e não achara nenhum. Havia mentiras, naturalmente. Que grande homem jamais

(Continúa na 4ª página)

(Conclusão)

sa dor dos primeiros dias cessou, em breve começou a apreciar as longas e calmas horas da rósea e branca frescura da enfermeira ensolarada. Gostava de ficar imóvel e cansado no acariciante calor de sua grande cama e de fitar pela janela o preto emaranhado das árvores sem folhas ou a cintilante paz das distantes colinas, cobertas de neve. Orgulhoso de sua força, zombara da enfermeira que pontificava neste palácio de ladrilhos polidos, metais fulgurantes e madeiramento altamente lustreado. E agora, que estava seriamente doente, descobriu nela, com surpresa e gratidão, algo de sua mãe. Para o Natal, recebeu um correio sem precedentes: — no meio de um enxame de cartas havia um bilhete de Brendan, simpático e amistoso. Foi ainda cedo, no período da convalescença. Assim Desmond teve de contentar-se com ditar algumas linhas de cordial agradecimento.

Um outra alegria daqueles dias na enfermaria foi a renovação da antiga intimidade com Padre Daniel. Durante o trimestre passado, Desmond sentira que eles estavam se afastando um do outro, que ele estava perdendo ao P. Daniel, assim como ia perdendo a Brendan. Meia dúzia de vezes esperava uma ruptura aberta. Quase procurava-a. Mas o P. Daniel dava tempo ao tempo, e a ruptura nunca veio. Agora parecia que, bem naturalmente, recuperavam as antigas relações amistosas. Manhã após manhã, o Chefe de Divisão aparecia no quarto de Desmond, com um gracejo e um sorriso e as últimas notícias esportivas. Tinham esplêndidas e longas conversas, e durante de uma delas, Desmond de repente descarregou de sua alma toda a trágica desordem em que metera as cousas durante o trimestre precedente. O P. Daniel ficou sentado bem quietinho, sem o olhar, fitando a lareira sem a ver. Uma só vez durante o recital falou ele.

CRISTO ou BARRABÁS?

escapou-lhes? Mas eram por demais transparentes para usar até a temporária máscara de credibilidade. O conhecimento que tínhamos dele foi de uma sabedoria tornando-se inteligível em histórias bastante simples para serem compreendidas pelos mais iletrados, de uma vida de útil trabalho na obscura Nazaré, de uma prontidão para servir que não hesitou em restituir à saúde o jovem escravo de um capitão romano, de amor que parecia ligá-lo a cada homem e mulher que Ele encontrava.

Cuvira que tinha uma especial ternura para com os infelizes, os párias da sociedade — mulheres caldas, coletores de impostos, aqueles que foram desprezados pelos judeus, aqueles cujas doenças provocavam náusea aos delicados.

Tudo isto, eu o sabia — como vós, meus filhos, o sabeis tão bem, hoje.

(Continúa)

O CAPITÃO

POR MATHIAS BODKIN, S. J.

(Tradução)

Desmond perguntara, como poderia dar satisfação a Moore.

“Não vejo que poderia fazer cousa alguma senão rezar por ele, “disse seu Chefe de Divisão. “Você não pode anular a eleição; e vocês dois nunca poderiam ser verdadeiros amigos. Isto é duro para você, sei-o eu, mas você vê que nem sempre podemos reparar o mal que fizemos, não importa quão ardentemente o queiramos”.

Mas, quando Desmond estava pronto com seu desabafo, o Padre virou-se lentamente.

“Bem, isto tudo passou”, disse. “Você começará de novo, não é?”

Desmond prometeu.

“Bem, então reze muito”, disse o Leão.

Calaram-se por um momento. Depois de menos de dois minutos, entretanto, Desmond discursou entusiasticamente sobre os méritos relativos dos livros de Shackleton e Bruce.

Antes que voltassem os alunos, Desmond estava em condições para ser removido. Acomodado num monte de almofadas e cobertores, ele foi levado no grande auto para casa no Golden Valley. Seis semanas de convalescença, um pouco de passeio a cavalo, um pouco de caçar com sua espingarda — e ele estava no trem para voltar a St. Xavier. Desmond ouvira pouco do colégio nesse intervalo; uma insignificante linha do P. Daniel, muito apressada e curta, e nada mais. Por isso, quando o pequeno Muldoon que fora à cidade ao dentista, embarcou no mesmo carro, Desmond imediatamente se pôs a “expremê-lo”.

“Diga-me tudo quanto há de interessante”, insistiu.

Muldoon hesitou.

“Surgiram pai e mãe de uma grande briga”, disse. “Trata-se de O'Reilly”.

“Oh!” fez Desmond. Depois: “vá adiante. De que é que se trata?”

“Bem, a cana de pescar de Whale D'Aracy azulou,” contou Muldoon, “e Antony O'Connor foi suscitado por alguns dos camaradas, ou antes alguns deles, só para pregar-lhe uma peça, pretendiam suscitá-lo. Você deveria tê-lo ouvido protestar.”

Soube-se depois que foi um dos empregados que tirou a cousa. Bem, um bando inteiro estava metido no jogo, e o guri Antony ficou furo, quando O'Reilly interveio. Ele disse-lhes que desistissem. E então voltou-se para M'Donnell, de fato feiamente, e não há nada para rir-se disto, e disse-lhe que pensava que Mat devia ser a última pessoa a acusar um colega desta espécie de cousa. Foi tanto quanto dizer-lhe que ele mesmo era um ladrão, pelos modos como foi dito. E Mat ficou vermelho e

perguntou-lhe o que queria dizer. O'Reilly parecia tremendamente confundido, e tudo quanto tinha que dizer foi que tinha encontrado a Mat com uma taquara de pescar debaixo do braço, indo numa bicicleta em direção à estação, no dia precedente. Isto estava bem certo, mas foi a cana de M'Donnell mesmo, e disse isto a O'Reilly e exigiu que este pedisse desculpa por tê-lo chamado de ladrão. Mas para o espanto de todo o mundo, O'Reilly recusou. Naturalmente, eles estão com uma raiva louca dele, porque isto foi tão absurdo quanto ordinário. Desta forma, praticamente ninguém fala com ele agora, exceto, naturalmente, Milligan. Nenhum “boycott” estúpido, sabe, ou qualquer cousa desta espécie. Mas — bem! você não deseja de ter qualquer cousa com esta espécie de freguês. Milligan passa bastante mal com isso”, acrescentou pensativo.

“Estou vendo” disse Desmond.

No caminho até o colégio, refletiu nos casos, tranquilamente. O'Reilly ou M'Donnell? Parecia como se O'Reilly estivesse errado. Você deve estar certo antes de dizer tais cousas — e recusar-se a pedir desculpa, também. M'Donnell ou O'Reilly? Podia compreender a disposição de mentalidade em que os rapazes se achavam. Brendan não era popular pelo Natal. Eles deviam estar bastante incomodados com isto agora. Não invejava a Milligan. Por falar em invejar, não se invejava a si mesmo. Não duvidava que Brendan tinha razão. Ou, talvez, ele se tivesse enganado. Mas não havia dúvida sobre quem fosse o melhor, Brendan ou M'Donnell. Era justamente a espécie de situação que estava tentado a desejar, quando estava doente, afim de que pudessem dar uma satisfação a Brendan. Lembrou-se de uma frase de P. Black e suspirou: “O diabo, quando estava doente, desejava ser um monje; o diabo, quando estava bom, um monje fôra, uma vez”!

Os alunos tinham-se dirigido ao chá, quando Desmond chegou ao colégio. Foi para seu quarto, deixou lá suas cousas e saiu outra vez, indo pelo corredor vazio até o gabinete do P. Daniel. Ao bater à porta, ouviu vozes de dentro e encontrou-se frente à frente com Muldoon que fora diretamente para lá. O P. Daniel levantou-se com um sorriso.

“Bemvindo, Desmond”, disse. “Esperava por sua volta. Você parece forte. Muldoon, você não o reconheceria naquele desconjuntado que exportamos há dois meses”.

“Estou em esplêndidas condições, Padre”, retrucou Desmond, “graças a seus cuidados”. Parou um segundo e acrescentou friamente. “E graças a Brendan O'Reilly”.

Deleitou-se visivelmente com a expressão do rosto de Muldoon.

Padre Daniel assentiu com um sinal da cabeça.

“Então, sabe da última?”, disse. “Chegou tarde para o chá”, continuou calmamente, “mas se fôr para baixo agora, talvez o refeiteiro dê algo de comer a vocês dois. Quero vê-lo outra vez, hoje de noite, Maher. Talvez após o recreio, se não estiver muito cansado”.

“Está certo, Padre”, disse Desmond e foi-se embora.

Do gabinete do P. Daniel dirigiu-se diretamente ao refeitório. Os rapazes não estavam prontos ainda com seu chá, e ele esperou fora do refeitório, medindo a passos o corredor ladrilhado, sentindo frio. Todas as hesitações tinham desaparecido, mas ele estava nervoso e excitado. Ouviu o barulho abafado, quando os rapazes puxaram suas cadeiras para traz e levantaram para rezar; depois silêncio, seguido do confuso som das respostas, as grandes portas abriram-se de para em par, e a densa massa derramou-se pelo corredor. Mal fora notada sua presença e já um grupo de amigos curiosos o rodeava. Notou que estava apertando as mãos de uma dúzia de colegas, enquanto, por cima dos ombros deles, seus olhos procuravam a Brendan. Aí estava ele, conversando com Dermot Milligan. Sem cerimônia afastou-se do seu grupo e foi direito a O'Reilly.

“Quero agradecer-lhe como convém, Brendan,” disse e estendeu a mão.

O'Reilly hesitou um segundo. Desmond sabia? Brendan viu que ele sabia.

“Bem vindo,” gaguejou, querendo dizer muito mais. Apertaram-se as mãos.

Não é provável que Desmond esqueça a felicidade da reação que se seguiu. Cominou o corredor para cima e para baixo entre Brendan e Dermot e deleitou-se com a amizade restaurada. Desculpas e explicações foram tentadas, cortadas, abandonadas e esquecidas. Falavam sobre tudo. E, todo este tempo, sentiu que ele e Brendan seriam melhores amigos d'ora em diante, justamente por causa da implicância passada. Gostava positivamente da desaprovação dos outros. Mais tarde havia de descobrir que tinha exagerado. Não houve meio de opôr-se a Desmond Maher; se ele quisesse andar com O'Reilly, O'Reilly era um camarada decente, está claro.

Mas de noite, Desmond julgava-se polidamente desprezado, e gostou. Teria gostado que aquele recreio se prolongasse por horas, e assustou-se com desagradável surpresa, quando o sino deu o sinal para a oração da noite. Rezou-a, porém, com um novo fervor. Falando depois com o P. Daniel, resumiu assim seu pensamento:

“Estou bem contente, Padre. Suponho que aquela minha queda fosse o que o senhor chama Providencial?”

“Providencial?” respondeu o Padre Daniel; “oh, sim, exatamente isso, “Providencial.”